



CERRO MAIOR

Portugal, 1980
Luís Filipe Rocha

cinemateca portuguesa-museu do cinema



CERROMAIOR

1980 | cor/colour | 90 min

Realização/Director: Luís Filipe Rocha

Grande Prémio do Festival da Figueira da Foz 1980

Un Certain Regard - Festival de Cannes 1981

Após uma tentativa frustrada de evasão, um adolescente é reconduzido ao abúlico seio da família, dominante numa povoação alentejana onde a tradicional exploração dos trabalhadores agrícolas é, nesses anos de 1930, em que escassos ecos de liberdade chegam, pela rádio, da Guerra Civil espanhola, representada por um primo arrogante e prepotente, símbolo e esteio do poder fascista que se consolida. O percurso do jovem afirmar-se-á entre sombras e fantasmas, conformismo e preconceito, demência e suicídio, raiva e confrontação – assinalando o seu contacto com outros que se sacrificam, adiam ou não vergam –, até um encontro consigo mesmo e a esperança de novos horizontes. CERROMAIOR – um lugar e um tempo asfixiantes, onde o sol e o destino calcinam impiedosamente as pedras e as pessoas até que a solidão e a revolta, a amargura e o ódio, a resignação e o grito acabam por explodir no silêncio da noite, cravejando-a de manchas rubras de sangue e dos uivos lancinantes de cães vadios.

(da produção)

After a frustrated attempt to escape, an adolescent is brought back to the abulic heart of his family, a dominant one in an Alentejo village where traditional exploitation of the farm workers is represented in those years of the thirties, when only a few echoes of freedom filter through by radio from the Spanish Civil War, by an arrogant overbearing cousin, symbol and mainstay of the fascist power that is consolidating itself. The young man's course proceeds amid shadows and ghosts, conformism and prejudice, madness and suicide, rage and confrontation – marking his contact with others who sacrifice themselves, put off decisions or refuse to bow their heads – until the day of an encounter with himself and hope of new horizons. CERROMAIOR – an asphyxiating time, where sun and destiny ruthlessly sear both stones and people, until loneliness and revolt, bitterness and hate, resignation and cries finally explode in the silence of the night, spattering it with red blood and rending it with the mournful howls of stray dogs.

(from the production)



A nova cópia digital de CERROMAIOR, disponível em DCP e em DVD, teve origem na digitalização 4K com wet gate (janela líquida) do negativo de câmara original, em 16mm, conservado pela Cinemateca. O som foi digitalizado a partir de uma cópia síncrona de época. A correção de cor e a equalização digital do som usaram uma cópia síncrona de época como referência e foram acompanhados pelo realizador, pelo diretor de fotografia João Abel Aboim e pelo diretor de som Carlos Alberto Lopes.

The new digital copy of CERROMAIOR, available both in DCP and in DVD, results from the 4K wet gate digitisation of the original camera negative, in 16mm, conserved by Cinemateca. The sound track was digitised from a synchronous distribution print. Digital grading and the digital equalization of the sound were made using a distribution print as a reference, and were accompanied by the director, the DOP João Abel Aboim and the sound director Carlos Alberto Lopes.



A PALAVRA DO AUTOR

A pedido da organização escrevo estas breves palavras antes de sequer ter visto uma primeira cópia de CERROMAIOR. Não é fácil falar de um filme que ainda não se libertou de mim (nem eu dele!). Como dois amantes em plena separação, estamos ainda demasiadamente perto e embrulhados um no outro para que eu o possa ver com alguma perspectiva não meramente afectiva ou ambigualmente especulativa.

De tal forma que se eu me pusesse agora a falar dele praticaria do mais puro vampirismo e, ainda por cima, onanista. O que eu posso dizer é que, para mim, o CERROMAIOR é um filme para trás do qual já não posso voltar. O culminar de um caminho do qual, bem ou mal, não se regressa.

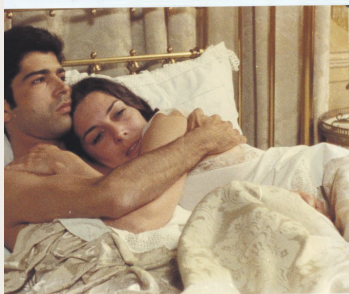
E posso ainda dizer que, se um autor se define pelo estilo e (talvez) por algumas obsessões temático-narrativas, então o CERROMAIOR pode, por fim, definir-me como tal. Essa é, publicamente e para mim, a importância deste filme. E é também por isso que, sem recusar nenhum dos meus outros filmes (etapas irrecusáveis para chegar a este), considero o CERROMAIOR o meu primeiro filme.

E, com a presunção característica de qualquer autor que se considera como tal, posso pois afirmar que delego no CERROMAIOR a minha própria voz, bem assim como o que resta da minha mais íntima capacidade para comunicar expressivamente a outrem o que dentro de mim ainda não apodreceu sem remédio.

Do filme propriamente dito não posso nem quero falar. Prefiro afastar-me. E esquecer-me. Perder-me dele e, sobretudo, deixar que ele se perca de mim, que ele siga o seu próprio caminho e conquiste os seus próprios amigos (ou inimigos).

Uma última palavra para o Manuel da Fonseca e sobre o Alentejo: espero não ter traído e até merecer o primeiro com uma visão tão pessoal do segundo. Creio que o Alentejo não é nada daquilo que a maior parte de nós (não alentejanos) sonha. Daí que eu o tenha procurado para além dos seus mitos e até da sua profunda beleza visível. É tudo.

(in catálogo do Festival Internacional de Cinema da Figueira da Foz, 1980)



A WORD FROM THE AUTHOR

At the request of the organisation, I am writing these few words before I have even seen a first print of CERROMAIOR. It is not easy to speak about a film that has not yet freed itself from me (nor have I freed myself from it!). As two lovers who have just separated, we are still too close and entangled in one another for me to be able to see it in a way that is not merely affective or ambiguously speculative.

So much so that, if I would now start to speak about it, I would be practising sheer vampirism and, moreover, of the onanistic type. What I can say is that, for me, CERROMAIOR is a film behind which I can no longer go. The end of a path from where, good or bad, you do not return.

And I can add that, if style and (perhaps) some thematic-narrative obsessions define an author, then CERROMAIOR can, finally, define me as such. That is, publicly and for myself, the importance of this film. That is also why, without rejecting any of my other films (crucial stages to arrive at this one), I consider CERROMAIOR my first film.

And, with the characteristic presumption of any author who sees himself as such, I can therefore say that I delegate my own voice to CERROMAIOR, as well as what is left of my most intimate ability to expressively communicate to someone else what within me has not yet rotten beyond remedy.

About the film itself I cannot nor wish to speak. I'd rather withdraw myself. And forget. Lose it and, above all, allow it to lose me, to follow its own path and make its own friends (or enemies).

A last word to Manuel da Fonseca and about the Alentejo: I hope I have not betrayed and am even worthy of the first with such a personal view of the second. I believe the Alentejo is nothing of what most of us (non-Alentejanos) dream about, which is why I looked for it beyond its myths and beyond its deep visible beauty. That is all.

(in catalogue of the International Film Festival of Figueira da Foz, 1980)



SOBRE O REALIZADOR

Luís Filipe Rocha nasceu em Lisboa, a 16 de novembro de 1947. Aluno do Colégio Militar entre 1958 e 1964, licencia-se em Direito pela Faculdade de Direito da Universidade de Lisboa em 1971. Entre 1967 e 1971 trabalhou no Grupo Cénico da Associação Académica da Faculdade de Direito de Lisboa, como ator, assistente de direção, dramaturgo, tradutor e produtor. Frequentou o curso de atores e o curso de direção de Adolfo Gutkin, na Fundação Calouste Gulbenkian e em 1971 participa, como ator, em O RECADO, de José Fonseca e Costa. Exila-se no Brasil em 1973, trabalhando com Izaías Almada em teatro, como encenador, e no cinema, como montador e argumentista. De regresso a Portugal inicia a sua própria carreira cinematográfica em 1974, realizando filmes para a Radiotelevisão Portuguesa na cooperativa Cinequanon. Em 1975 é assistente de realização do alemão Peter Lilienthal em REINA A TRANQUILIDADE NO PAÍS, rodado em Portugal. Nesse período trabalha ainda no Núcleo de Produção do Instituto Português de Cinema, como realizador. Os seus primeiros trabalhos são no domínio do documentário, como BARRONHOS – QUEM TEVE MEDO DO PODER POPULAR, realizado em 1976 e capital para compreender esse período da história recente do país. Realizado em 1977, A FUGA é a sua primeira longa-metragem de ficção. CERROMAIOR foi selecionado para a secção Un Certain Regard do Festival de Cannes. Em 1984 dirige o documentário sobre Jorge de Sena SINAIS DE VIDA, adaptando mais tarde um romance do escritor em SINAIS DE FOGO. Filma AMOR E DEDINHOS DE PÉ em Macau e na China e tem um grande sucesso de público com ADEUS, PAI, filmado nos Açores, onde regressará depois para fazer CINZENTO E NEGRO. Assina ATÉ AMANHÃ, CAMARADAS, baseado na obra de Manuel Tiago, pseudónimo de Álvaro Cunhal e o documentário ROSAS DE ERMERA, sobre a família de Zeca Afonso. Entre várias outras distinções, vence o Prémio Especial do Júri em Guadalajara com A OUTRA MARGEM.

ABOUT THE DIRECTOR

Luís Filipe Rocha was born in Lisbon on 16 November 1947. A student at Colégio Militar between 1958 and 1964, he graduates in Law from the Faculty of Law of the University of Lisbon in 1971. Between 1967 and 1971, he worked with the Theatre Group of the Students' Association of the Faculty of Law of Lisbon as an actor, assistant director, playwright, translator and producer. He took Adolfo Gutkin's acting and directing course at the Calouste Gulbenkian Foundation and in 1971 he plays in O RECADO by José Fonseca e Costa. In 1973 he goes into exile in Brazil, where he works with Izaías Almada in the theatre, as a director, and in cinema, as an editor and scriptwriter. Once back in Portugal, in 1974 he begins his own career in film, directing films for the Portuguese Radio and Television at the cooperative Cinequanon.

In 1975 he is assistant director of the German filmmaker Peter Lilienthal in *REINA A TRANQUILIDADE NO PAÍS*, shot in Portugal. During this time, he also works as a filmmaker for the Production Unit of the Portuguese Cinema Institute. His first films are documentaries such as *BARRONHOS – QUEM TEVE MEDO DO PODER POPULAR*, directed in 1976 and crucial to understand that period in the recent history of the country. Directed in 1977, *A FUGA* is his first fiction feature. *CERROMAIOR* was selected for the Un Certain Regard section of the Cannes Festival. In 1984 he directs the documentary *SINAIS DE VIDA* about Jorge de Sena, later adapting a novel by the same writer in *SINAIS DE FOGO*. He films *AMOR E DEDINHOS DE PÉ* in Macau and China and is widely acclaimed by audiences with *ADEUS, PAI*, shot in the Azores, where he will later return to make *CINZENTO E NEGRO*. He directs *ATÉ AMANHÃ, CAMARADAS*, based on the novel by Manuel Tiago, the pseudonym of Álvaro Cunhal, as well as the documentary *ROSAS DE ERMERA*, about the family of Zeca Afonso. Among several other distinctions, he wins the Jury's Special Prize in Guadalajara with *A OUTRA MARGEM*.



FILMOGRAFIA/FILMOGRAPHY

- | | |
|--|-------------------------------------|
| 1974 – Brecht (doc) | 1992 – Amor e Dedinhos de Pé |
| 1974 – O Gabinete da Área de Sines (doc) | 1995 – Sinais de Fogo |
| 1975 – Nós no País Nº 2 (tv) | 1996 – Adeus, Pai |
| 1975 – Nós no País Nº 4 (tv) | 2001 – Camarate |
| 1976 – Barronhos, Quem Teve Medo do Poder Popular (doc) | 2003 – A Passagem da Noite |
| 1977 – A Fuga | 2005 – Até Amanhã, Camaradas |
| 1980 – Cerromaior | 2007 – A Outra Margem |
| 1984 – Sinais de Vida (doc) | 2015 – Cinzento e Negro |
| | 2017 – Rosas de Ermera (doc) |

ENTREVISTA COM O REALIZADOR

Mais do que um filme sobre uma realidade particular [CERROMAIOR] é uma obra sobre as consequências dessa realidade em cada indivíduo. Daí que alguém tenha dito que CERROMAIOR era um filme sobre a solidão, dado que todas as suas personagens, independentemente da sua situação de classe e da relação de uns com os outros, são seres profundamente sós.

Desde que faço cinema era intenção minha rodar um filme a partir da obra de Manuel da Fonseca, isto porque é uma obra de que pessoalmente gosto e porque a considero muito cinematográfica. Esta foi uma das razões para fazer CERROMAIOR, mas há outra razão, que se prende com a realidade alentejana, para mim riquíssima e fascinante. Pode dizer-se que Manuel da Fonseca foi a minha porta de entrada para o mundo alentejano, mas também não deixa de ser verdade que o Alentejo foi um motivo forte que me levou a adaptar a obra de Manuel da Fonseca. Confesso que não sei qual destes factores me atraíu mais, se o livro, se o próprio Alentejo.

As minhas ligações com o Alentejo são meramente subjectivas. Não sou alentejano e conhecia mal o Alentejo antes de preparar o filme. O meu interesse pelo Alentejo resulta do facto de ser uma região que retrata bastante bem uma história de séculos. A própria história do nosso país.

Não queria adiantar muito sobre a história do filme, para não condicionar a opinião das pessoas acerca dele. É uma história que se passa em 1937, durante a Guerra Civil de Espanha. Sendo o retrato de uma época, o filme pretende ser também a apresentação de uma galeria de personagens, cada uma delas a seu modo representativas de uma sociedade e de uma história, que eram e, em muitos aspectos, continuam a ser, genuinamente portuguesas.

Até CERROMAIOR há um percurso lento de aprendizagem. Este filme é o resultado desse período de seis anos e considero-o, por isso, o meu primeiro filme de autor. Isto não significa que recuso os meus trabalhos anteriores. CERROMAIOR é o filme que me define mais completamente como autor. (...) Os caminhos tateados e entreabertos nos outros filmes foram explorados neste. No entanto, tenho também necessidade de começar a romper com algumas cadeias estilísticas que os outros filmes tinham criado. Este é um filme mais seguro, mais vincado a nível estilístico. Mas também não quero dizer que este é o filme da maioridade, que é uma coisa difícil de definir. CERROMAIOR é uma etapa de crescimento, que deve ser analisado em função de um antes e um depois.

Como cineasta, a minha preocupação dominante é realizar filmes para o público português, o que quer dizer que me preocupo, simultaneamente, com a qualidade e a acessibilidade dos filmes que faço. Interessa-me menos o agraciamento da intelectualidade representativa da cultura dominante do que o agrado que o público normal das salas de cinema pode sentir ao ver os meus filmes. É a opinião desse público que mais me interessa. No caso do CERROMAIOR creio ter, minimamente, conseguido um produto com alguma qualidade estética e capaz de agradar a diversas camadas do público.

Não há razões claras e palpáveis que me levem a pensar em alterações de fundo do cinema português, quer a nível de produção, distribuição ou exibição. A circunstância de, nos últimos tempos, terem aparecido alguns filmes portugueses com certo impacto junto do público das salas comerciais é, por enquanto, para mim, uma questão conjuntural. O futuro mostrar-nos-á se esta lufada aparente de ar fresco corresponde, ou não, ao início de uma nova fase do cinema nacional. Dadas as condições objectivas ainda existentes, sobretudo no que toca à produção e inexistência de indústria cinematográfica, continuo bastante céptico.

Excertos de uma entrevista de Belino Costa, in Se7e, 22 de abril de 1981

INTERVIEW WITH THE DIRECTOR

More than a film about a particular reality [CERROMAIOR] is a film about the consequences of that reality in each individual. Hence, someone said that CERROMAIOR was a film about loneliness, since all its characters, regardless of their class situation and relationship with each other, are deeply lonely beings.

Ever since I started making films, I wanted to make a film based on the book by Manuel da Fonseca, since I personally like it and because I find it very cinematic. This was one of the reasons for making CERROMAIOR, but there is another, which has to do with the reality of the Alentejo, which for me is extremely rich and fascinating. It can be said that Manuel da Fonseca was my gateway to the world of the Alentejo, though it is also true that the Alentejo was a strong motive that led me to adapt the novel by Manuel da Fonseca. I must say I do not know which of these factors attracted me the most – if the book, or the Alentejo itself.

My connections to the Alentejo are merely subjective. I am not an Alentejano and I barely knew the Alentejo before I started preparing the film. My interest in this region stems from the fact that it portrays quite well a history of centuries. The history of our country.

I would not like to say much about the story of the film, so that I do not influence people's opinion about it. It is a story that takes places in 1937, during the Spanish Civil War. As the portrait of a time, the film also intends to present a gallery of characters, each in their own way representing a society and a history, which were and, in many ways, continue to be, genuinely Portuguese.

Until CERROMAIOR there is a slow learning process. This film is the outcome of that six-year period and, therefore, I consider it my first author film. This does not mean I reject my previous work. CERROMAIOR is the film that most completely defines me as an author. (...) The paths tried out and glimpsed in the other films were explored in this one. However, I also feel the need to start to break with some of the stylistic patterns that the other films had created. This film is surer of itself, more defined in terms of style. But with this I do not mean to say it is 'the film of age', which is something hard to define. CERROMAIOR is a stage of growth, which should be analysed according to a before and after.

As a filmmaker, my primary concern is to make films for the Portuguese audience, which means I worry, at the same time, about the quality and accessibility of the films I make. I am less interested in the praise of intellectuals representing the dominant culture than in the pleasure felt by average cinema-goers when they see my films. Their opinion is the one that interests me the most. In the case of CERROMAIOR, I believe I have, to a minimum extent, managed to make a film that has some aesthetic quality and is able to please various types of audiences.

There are no clear, tangible reasons that make me think about substantive changes in Portuguese cinema, whether this is at the level of production, distribution or screening. The fact that some of the Portuguese films that have been released lately have had an impact on the audiences of commercial cinemas is, for the time being and in my opinion, merely circumstantial. The future will show us whether or not this apparent breath of fresh air corresponds to the beginning of a new phase for national cinema. Given the still existing objective conditions, mainly with regard to production and the lack of a film industry, I am still quite sceptical.

Excerpts from an interview by Belino Costa, in Se7e, 22 April 1981

O QUE DISSERAM DO FILME

Para lá da fábula político-social, finamente pintada, Luís Filipe Rocha oferece-nos a aventura interior de um jovem espartilhado entre a sua própria vontade e as reticências a que ela própria se condena.

M.S. Fonseca, Expresso, 1981

CERROMAIOR é a definitiva revelação de um cineasta português, capaz de fazer um cinema narrativo até com algum impacto popular e revelando ao mesmo tempo uma personalidade e uma sensibilidade que não deixou de lembrar de certa maneira Manoel de Oliveira e um tipo de cinema que, por paradoxal que a afirmação possa parecer, é precisamente o contrário do cinema de autor.

A. Roma Torres, Jornal de Notícias, 1981

Ao conferir dignidade aqueles que manifestam desprezo pelo Homem, a quem chamamos exploradores ou ditadores ou qualquer outra coisa, este filme torna-os, ao mesmo tempo, mais culpados e mais dignos da justiça dos trabalhadores que é o outro nome que se pode dar à Reforma Agrária. Essa Revolução não aparece no filme – e no entanto está presente. No próprio silêncio.

Carlos Porto, Diário de Lisboa, 18 de junho de 1981

Poucas vezes, no cinema português, a fotografia (de João Abel Aboim) captou de uma forma tão sensível e pungente uma região, um tempo, um povo, desde a solidão da paisagem até ao desespero dos homens que a habitam e que os leva tantas vezes a pôr termo à vida como gesto último de manutenção da honra ou da dignidade feridas.

Tito Lívio, Diário Popular, 5 de maio de 1981

Numa altura de transição ibérica – entre a Guerra Civil espanhola e a consolidação do salazarismo – eis o Alentejo, celeiro de Portugal, em regime de latifúndio. A exploração e o desemprego marcam uma sobrevivência de miséria, de desespero e revolta surda. Enquadrado pela planície até ao horizonte, cujo recorte são as vilas de ruas desertas, com as mulheres em casa e atrás das janelas. Sobressaem os homens, patrões ou assalariados – cujas tensões crispadas, ou latente antagonismo, CERROMAIOR desvenda em imaginário alusivo. Ensombrado pela solidão, sob discreta sensualidade, rompendo o conformismo em loucura e morte...

José de Matos-Cruz, Fitas Faladas

WHAT WAS SAID ABOUT THE FILM

Beyond the finely painted politico-social fable, Luís Filipe Rocha offers us the inner adventure of a young man squeezed between his own will and the reticence to which it condemns itself.

M.S. Fonseca, Expresso, 1981

CERROMAIOR is the definitive revelation of a Portuguese filmmaker capable of making narrative films, which even have an impact on audiences. At the same time, it reveals a personality and sensitivity that are also, in a way, reminiscent of Manoel de Oliveira and of a type of cinema that, as paradoxical as the statement may seem, is precisely the opposite of auteur cinema.

A. Roma Torres, Jornal de Notícias, 1981

By lending dignity to those who show scorn for Man, whom we call exploiters or dictators or anything else, this film makes them, at the same time, more guilty and more worthy of the justice of workers, which is another name for the Land Reform. That Revolution does not appear in the film – and, nevertheless, is present. In silence itself.

Carlos Porto, Diário de Lisboa, 18 June 1981

Few times in Portuguese cinema has cinematography (by João Abel Aboim) captured in such a sensitive and moving way a region, a time, a people – from the solitary landscape to the despair of the men who inhabit it and that so often makes them put an end to their lives as an ultimate gesture for maintaining the honour or dignity that have been wounded.

Tito Lívio, Diário Popular, 5 May 1981

At a time of Iberian transition – between the Spanish Civil War and the consolidation of Salazarism – here is the Alentejo, the barn of Portugal, under the latifundium regime. Exploitation and unemployment mark the survival of poverty, despair and silent revolt. Framed by plains stretching to the horizon, outlined by villages with empty streets, where women are at home and behind windows. Men stand out, whether they are bosses or labourers, and CERROMAIOR discloses the tensions or latent antagonism between them through suggestive images. Overshadowed by loneliness, under discreet sensuality, breaking conformism into madness and death...

José de Matos-Cruz, Fitas Faladas

CERROMAIOR

Portugal, 1980 | cor/colour | 96 min

Realização/Director: Luís Filipe Rocha
Adaptação e Diálogos/Adaptation and Dialogues: Luís Filipe Rocha
Baseado no romance de/Based on the novel by: Manuel da Fonseca
Fotografia/Cinematography: João Abel Aboim
Cenografia/Set Designer: António Casimiro
Música/Music: Constança Capdeville
Som/Sound: Carlos Alberto Lopes
Montagem/Editing: José Nascimento
Diretor de Produção/Production Director: Henrique Espírito Santo
Produção/Production: Prole Filme
Estreia/Premiere: Quarteto (Lisboa), 24 de abril de 1981

Com/Cast:

Carlos Paulo (Adriano), **Clara Joana** (D. Céu), **Santos Manuel** (Maltês), **Ruy Furtado** (Doninha),
Titus de Faria (Primo Carlos), **Bernardo Calabço** (Toino Revel), **Elsa Wallenkamp** (Antoninha),
Henrique Espírito Santo (GNR)

CERROMAIOR



Um filme de Luis Filipe Rocha baseado na obra de Manuel da Fonseca. Com Carlos Paulo, Clara Joana, Santos Manuel, Rui Furtado, António Calabação, Elsa Wallenkamp
Produção Prole Filme (S.C.R.L.). Participação financeira do Inst. Port. de Cinema

VERBA & VISUAL DESIGN

1988 - SETEMBRO - REVISTA PORTUGUESA

CINEMATECA PORTUGUESA - MUSEU DO CINEMA

A Cinemateca Portuguesa – Museu do Cinema tem por missão a salvaguarda e a divulgação do património cinematográfico em Portugal. Foi fundada em 1948 por um dos pioneiros das cinematecas europeias, Manuel Félix Ribeiro, e tornou-se uma instituição autónoma em 1980. Desde 1956, a Cinemateca é membro da Federação Internacional dos Arquivos de Filmes (FIAF), criada em 1938 com o objetivo de promover a conservação e o conhecimento do património cinematográfico, conjugando os esforços dos mais importantes arquivos do mundo e que conta atualmente com mais de 166 afiliados de 75 países.

Em 1996, a Cinemateca abriu um moderno centro de conservação nos arredores de Lisboa, o departamento ANIM (Arquivo Nacional das Imagens em Movimento), que é atualmente a base de todas as atividades de preservação, pesquisa técnica e acesso sobre as coleções fílmicas, videográficas e digitais. Desde 1998, o ANIM possui um laboratório de restauro fotoquímico, que se tornou entretanto o último em atividade na Península Ibérica. Criado prioritariamente para viabilizar trabalhos internos de preservação e restauro do cinema português, o laboratório também tem vindo a prestar serviços externos nas mesmas áreas, em particular para instituições estrangeiras congêneres da Cinemateca.

§

Cinemateca Portuguesa – Museu do Cinema's mission is to preserve and promote Portugal's cinematographic heritage. Founded in 1948 by Manuel Felix Ribeiro, a pioneer of European cinematheques, it's an autonomous institution since 1980. The Cinemateca is a member of the International Federation of Film Archives (FIAF) since 1956, an organisation created in 1938, with currently more than 166 affiliates in 75 countries, with the goal to promote conservation and knowledge on cinematographic heritage.

In 1996, the Cinemateca opened a modern conservation centre in the outskirts of Lisbon – the ANIM, National Archive of Moving Images –, currently working as the basis for all preservation activities, technical research and access to its film collections, either in base photochemical, videographic, or digital support. Its photochemical restoration lab, active since 1998, was primarily created to enable internal preservation and restoration works in Portuguese cinema, but has since then also provided external services in the same areas to foreign film archives and cinematheques.

